

Inscritos em mim, escritos em poesia!

— DANIELA FERRUGEM —

intransitiva
• revista

TRANSFORMAÇÕES DO EU E DO OUTRO (V. 6, N.1, 2022)

Inscritos em mim, escritos em poesia!

Daniela Ferrugem —————

Quanto custa teu cansaço?

Rasga peito, rasga a vida.

Que orgulho tenho de ti!

Mas a ti não lanço mão, não lanço abraço.

Tu te forjas no cansaço

Mas a ti não dou o braço.

Que orgulho eu tenho de ti, tão guerreira!

Assim te passo mais uma peleja

Pouco importa se desejas, a ti não lanço ouvidos.

Luta, vai que assim tu alcançarás

Não te canses, não te lances, não me alcances.

Te amansa. Quanto orgulho tenho de ti!

Não te aproximes, não sejas rancorosa, raivosa

Não reclames, muito menos exija

Afirma a dádiva da vida, se luta, é porque estás viva.

Não desejes, não ensejes, segue de cabeça baixa e força bruta.

Que orgulho de ti!

Tão guerreira, tanta luta e tanta guerra.

Mas não sejas tão faceira.

Não me mostres teu gozo, teu riso ou tuas safadezas.

Teus arroubos, tua inteligência.

As palavras te negarei, ainda que rasgues o peito para lançá-las ao mundo.

Levanta! Há tantas batalhas para guerrear.

Que orgulho eu tenho de ti!

Não te mostres, não te sejas orgulhosa, não fiques em polvorosa por tuas conquistas.

Guarda tua arrogância, tua vaidade e tua segurança.

As feridas quero abertas à mostra nas batalhas.

A pele preta enrugada das lágrimas, nunca os vincos das gargalhadas.

Se te negas a viver em tristeza, na lamúria ou com a baixeza.

Não quero te enxergar.

Se te espraias, te ergues em voz, agarras a escrita junto a ti

Se foges ao quatinho, ao cafofo e à viela, finjo que não estás aqui

Até parece que combinas com este lugar.

Preta metida, onde pensas que vais chegar?

Afinal, como seguirei tendo orgulho de ti, se te mostras e te colocas em grito,
[em riso, em amor, em punho com raiva e em frente,

Que sigas viva, mas não ativa e aparecida, a tua altivez incomoda.

A tua assertividade encaixoto na caixa da agressividade.

A tua firmeza desconcerta. A ti quero cambaleante, de fala baixa e de palavras
[engasgadas.

Mansa, quieta e triste.



Por que não me escutas?

Aonde vais? Minhas palavras não te alcançam mais, as feridas escondeste, o riso
[descarado te acompanha

O que foi, enlouqueceste?

Este lugar não é o meu. Teu orgulho não me controla mais.

Mulher preta, de inteligência amostrada, de beleza cultivada, de fala acelerada, a guerra
[não me guarda, o racismo não me aprisiona, o falso orgulho não me condiciona.

Sigo, agarro a alegria, habito a esperança.

Serei orgulhosa da pele, da vida e das palavras guardadas que brotam escritas de mim.

Sobre a autora

Mulher negra, filha de Elizabeth e mãe do Matheus. Doutora em Serviço Social e Assistente Social na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Participante dos Grupos de pesquisa AYA, do Instituto de Psicologia UFRGS, e Aquilombando a Universidade, da Universidade Estadual de Londrina (UEL).